



ST 13 - HISTÓRIA DA VIOLÊNCIA E DO CRIME EM PROCESSOS

OS “TRÊS DE MONTESE”: UM EQUÍVOCO QUE DUROU 75
ANOSHelton Costa¹

Resumo: este trabalho tem como objetivo apresentar o caso de três soldados brasileiros mortos durante a batalha de Montese, em Modena, na Itália, durante a II Guerra Mundial, e que, erroneamente tiveram as circunstâncias de falecimento e sepultamento alteradas, gerando uma história mítica que persistiu por 75 anos, até ser desmentida por pesquisas documentais e pelo próprio Exército Brasileiro. É um artigo que mostra a importância do saber historiográfico para a sociedade.

Palavras-chave: FEB, Segunda Guerra Mundial, heróis de Montese.

Introdução

Entre 1944 e 1945, o Brasil enviou mais de 25 mil soldados para combater no front do norte da Itália, dentro do V Exército dos Estados Unidos, na Segunda Guerra Mundial. O contingente ficou conhecido como Força Expedicionária Brasileira – FEB.

Foram dezenas de cidades, vilas e vilarejos libertados na luta contra os exércitos combinados da Itália fascista e da Alemanha nazista. Em uma dessas cidades, Montese, na província de Modena, os Pracinhas, como ficaram conhecidos os expedicionários brasileiros, enfrentaram seu mais duro combate, com 482 baixas em quatro dias de luta.

Nessa batalha, Geraldo Rodrigues de Souza, Arlindo Lúcio da Silva e Geraldo Baêta da Cruz perderam a vida em situação de combate, entregando à pátria o sangue e a juventude que possuíam. Quando a guerra acabou, por motivos que serão explicados neste artigo, eles foram alçados ao patamar de heróis nacionais, por conta de confusões, mal-entendidos e apropriações históricas ao longo das décadas pós-conflito.

A morte dos três, por si só foi um ato de digno de admiração, uma vez que combatiam contra o nazifascismo, porém, as circunstâncias em que morreram foram sendo fantasiadas ao longo dos anos, resultando na década de 2000, em histórias mirabolantes e quase sobre-humanas. Nas linhas que se seguem, o devido

¹ Doutor em Comunicação e Linguagens e graduando em História pela Fael; professor no Centro Universitário UniSecal; e-mail: h_costa@hotmail.com.



esclarecimento da morte dos três é feito com base em pesquisa bibliográfica e documental e a versão mistificada e mitológica é posta a prova, senão derrubada por completa.

1. A batalha de Montese

Aproximadamente a 60 km ao sul de Bolonha, está a cidade de Montese, uma comunidade com história medieval que data do ano de 1197 (Ricci, 1988). Para chegar até Montese, brasileiros já tinham percorrido um longo caminho na campanha da Itália. Haviam estreado no Vale do Rio Serchio, só tendo parado seu avanço na cidade de Castelnuovo de Garfagnana, no final de outubro de 1944. Dali, a FEB partiu para o Vale do Rio Reno italiano, mais precisamente para a região do Monte Belvedere, em que se encontrava Monte Castello, assumindo uma frente que se estendia por 15 km. Ali lutaram, venceram e foram vencidos pelos alemães, mantiveram posições conforme lhes foi ordenado e passaram um inverno que em alguns pontos chegou a marcar 20 graus negativos. (Rigoni, 2016; Maximiano, 2010; Bonalume Neto, 1995)

Em fevereiro de 1945, conseguiram vencer as resistências nazi-fascistas e prevaleceram nas lutas pelo mesmo Monte Castello e redondezas, adentraram por Castelnuovo de Vergato e adjacências, deixando o terreno preparado para que em abril de 1945, como parte do plano da Ofensiva de Primavera, elaborado pelo IV Corpo de Exércitos Aliados, capturassem aquela que seria a cidade mais defendida pelos alemães durante a operação.

Hoje a cidade é conhecida na província por ser uma grande produtora de batatas. Estão registrados pela prefeitura da Montese, 3.300 moradores. Na época da guerra eram aproximadamente 7.000 e existiam 1.121 casas, das quais, 833 foram postas abaixo por conta da luta entre brasileiros e alemães (Bellisi e Cioni, 2012, p.170-171).

Somente a artilharia brasileira disparou 21.200 tiros de calibres diversos. Dentro da cidade o estrago foi completado por luta entre pequenas frações que disputavam o centro da mesma e alguns bairros mais afastados, além das altitudes que circundam as rochas que compõem a topografia do município. (RODRIGUES, 1954, p.107)

O combate pela cidade começou no dia 14 de abril de 1945. Nos quatro dias de batalha, soldados dos três regimentos da Força Expedicionária foram colocados em linha para atacar e manter posições. Os três regimentos de infantaria, a saber, eram o 1º, o 6º e 11º. A Engenharia de Combate brasileira atuou desarmando minas e armadilhas



deixadas pelos inimigos. As demais armas, como Artilharia, Intendência entre outras, também desempenharam suas funções. Derrotados os alemães foram retirando-se aos poucos, após ferrenhos combates em que não foi incomum encontrar pequenas unidades inimigas oferecendo resistência, mesmo depois de cercadas. Na noite do dia 14 de abril a cidade já estava em posse dos brasileiros, mas, nos dias 15 e 16 os alemães continuaram a atacar com fogo de artilharia.

Somente na noite de 18 de abril de 1945 é que os brasileiros puderam dar por encerrada as missões que lhes haviam sido conferidas, podendo, no dia seguinte, 19 de abril, reorganizar o dispositivo e partir para o avanço final, que só cessaria em 30 de abril e 1945, com a rendição incondicional da 148ª Divisão da Infantaria alemã, no caminho para Parma, na localidade de Fornovo di Taro/Pontescodogna.

Mascarenhas de Moraes (1947, p.178) publicou que em Montese, após o cessar fogo, patrulhas brasileiras foram lançadas para limpar o terreno de eventuais resistências e voltaram com alguns prisioneiros. “Somente o maciço de Montese recebeu mais tiros de artilharia inimiga que o restante da frente do IV Corpo, guarnecida, então, por quatro divisões. Esses dados revelam a importância que os comandos beligerantes atribuíram ao maciço, que foi palco de uma brilhante vitória das armas brasileiras. (MASCARENHAS DE MORAES, 1947, p.178-79)

No resumo que fez das baixas em Montese, Mascarenhas de Moraes (1947, p.178) escreveu que de 14 e 18 de abril foram 382 feridos, 10 extraviados e 34 mortos, em um total de 426 baixas. Entre essas 426 baixas estavam os três personagens citados na introdução deste texto: Arlindo e os dois Geraldos.

2. Os envolvidos

Geraldo Rodrigues de Souza, Arlindo Lúcio da Silva e Geraldo Baêta da Cruz foram todos do mesmo regimento, o 11º. Porém, cada um era de uma unidade diferente, sendo que Geraldo Rodrigues de Souza servia na Companhia de Comando do III Batalhão, Arlindo Lúcio na 2ª Companhia do I Batalhão e Beraldo Baêta da Cruz era padioleiro.

Sobre a vida antes da guerra, quem possui registro em bibliografia sobre a FEB é Arlindo. Palhares (1951, p.259), o descreve como um jovem, tímido, “pobre, moço criado sem os cuidados do pai, pois, este era doente mental”, e que sustentava a família. Podia ter usado tal fato para não seguir com a FEB, mas, não o fez.



Os pais de Arlindo se chamavam Maria Cipriana de Jesus e João Olimpio da Silva. Além dos pais, tinha mais duas irmãs, uma de nome Sebastiana (23 anos), Maria Cipriana (igual à mãe dele, de 17 anos), e Helena Maria (15 anos). Na FEB ele era o soldado 10.638. A data de nascimento dele era 2 de fevereiro de 1920 e ele era solteiro. (AHEX, 2020)

Na FEB, Arlindo recebeu uma citação em 12 de abril de 1945, dois dias antes de morrer, por ter tido bom desempenho durante uma patrulha de reconhecimento comandada pelo tenente Iporan Nunes, próximo de Montese. Já no dia em que morreu, faleceu após ter realizado um feito que lhe valeu a Cruz de Combate de 1ª Classe, outorgada a soldados que praticavam atos de bravura individuais. Consta que ele sozinho localizou inimigos que atiravam com uma metralhadora, descarregou seis pentes de fuzil metralhador e fulminou a posição alemã, sendo morto por um sniper inimigo logo em seguida. (BARROS, 1957, p.89 e AHEX, 2020)

Outro soldado, Geraldo Rodrigues de Souza era filho de Josino Rodrigues de Souza e Maria Joana de Jesus. O nascimento dele foi em 12 de abril de 1919, em Rio Preto/MG. Na FEB era o soldado 7.954. Eram suas irmãs: Maria Aparecida, Maria Conceição e Mariana. Não há a idade das mesmas. Ele era solteiro. (AHEX, 2020)

Já Geraldo Baêta da Cruz era de Entre Rios de Minas/MG. Filho de Antônio José da Cruz e Antônia Conceição da Cruz, tinha como irmãs, Maria Margarida, Natalina e Maria Conceição. O nascimento consta como sendo em 21 de julho de 1916. Era solteiro e na FEB era o soldado 13.061. (AHEX, 2020)

Coincidentemente, os três soldados mortos tinham três irmãs cada um. Os três eram do mesmo estado e haviam embarcado no mesmo contingente, em 20 de setembro de 1944. Enquanto Arlindo recebeu Cruz de Combate 1ª Classe, por bravura individual, os dois Geraldos receberam a Cruz de 2ª Classe, por “uma ação de feito excepcional”, dada por atos coletivos de bravura.

2.1 As mortes

Enquanto a morte de Arlindo é atribuída a um atirador alemão, conforme consta nas observações de Barros (1957, p.89-90) e da AHEX (2020), a morte de Geraldo Rodrigues dos Santos é apontada como tendo ocorrido na localidade de Natalina durante um bombardeio alemão que lhe atingiu com estilhaços no abrigo que ocupava. Almeida (2020a) registrou que o soldado suportou com “grande bravura” a situação



negativa e “manteve-se no seu posto, apesar de violento bombardeio inimigo, daí só saindo retirado mortalmente ferido”.

Sobre Geraldo Baêta da Cruz, Almeida (1985, p.146), descreve que o mesmo morreu vítima de um bombardeio alemão, enquanto se dirigia para socorrer o pelotão do tenente Ary Rauhen, que havia caído em um campo minado e estava sofrendo pesadas baixas (ALMEIDA, 1985, p.146).

Tanto Baêta quanto Arlindo constaram como desaparecidos em combate nos dias 15 e 16 de abril de 1945 (Almeida, 2020a e Almeida, 2020b). Geraldo Rodrigues de Souza não constou como desaparecido. Conforme ficha do Pelotão de Sepultamento, Geraldo Baêta e Arlindo estavam em decomposição quando foram encontrados, e Geraldo Rodrigues não estava. Arlindo e Geraldo Baêta tiveram seus enterros no mesmo dia, às 15h de 24 de abril de 1945. Já Geraldo Rodrigues, só foi enterrado no dia seguinte, em 25 de abril às 13h. Os túmulos deles foram cavados no Cemitério de Pistóia. (MONTEIRO, 2020 e VASCONCELLOS, 2020)

No momento em que foram achados os corpos, consta que o trio estava com as plaquetas de identificação, popularmente conhecidas como “dog tags” e no caso de Geraldo Rodrigues, este ainda estava portando o cartão de identidade dele. Quem recolheu e identificou Baêta e Arlindo, foi o terceiro sargento Ivolim Alves Monteiro, do Pelotão de Sepultamento, e quem tratou dos trâmites legais quanto à identificação de Geraldo Rodrigues, foi o 3º Sargento José Alves Vasconcellos, que pertencia à Cia de Comando do 11º Regimento. (MONTEIRO, 2020 e VASCONCELLOS, 2020)

2.1.1 Uma versão mais romântica

Prestes (1945, p.1), escreveu um texto jornalístico em 08 de agosto de 1945, em que afirmou ter entrevistado o comandante do Pelotão de Sepultamento da FEB, Lafaiete Vargas Brasileiro, assim que ele havia desembarcado no Rio de Janeiro e que o mesmo seria parente do jornalista. Foi ele quem primeiro escreveu que Arlindo e os dois Geraldos tinha sido mortos e enterrados pelos inimigos com “uma cruz tosca”tosca por cima. Ainda segundo o jornalista, os três haviam sido identificados graças à impressão digital. Para romantizar o enterro dos três, em Pistóia, escreveu que o corneteiro que dava o toque de silêncio, enquanto os corpos desciam à terra, chorou de emoção. (PRESTES, 1945, p.3)



Para dar veracidade ao que escreveu, Prestes (1945) colocou uma foto de um corneteiro no cemitério de Pistoia e duas fotos da exumação de corpos de soldados do 1º Regimento de Infantaria que haviam sido mortos e enterrados pelos alemães, em 24 de janeiro de 1945, próximo à Precaria, nas redondezas de Castelnuovo di Vergato. Porém, na foto ele escreveu que eram os três de Montese: Arlindo e os dois Geraldos, que eram do 11º Regimento e não do 1º.

Prestes (1945), ainda publicou dois desdobramentos da mesma história em outras edições do jornal, ambas ressaltando o caso dos “três de Montese”. Uma em 10 de agosto, no mesmo jornal e outra no jornal “A Noite”, em 23 de agosto de 1945, sendo que os textos foram reproduzidos por dezenas de jornais menores em todo o Brasil.

A versão do jornalista ganhou mais força com a publicação do livro “O 11º Regimento de Infantaria na II Guerra Mundial”, de autoria do comandante do Regimento na Itália, Delmiro de Andrade, em 1950. Delmiro reafirmou a versão errada e ainda mudou o local de encontro dos corpos, colocando em Zocca e não mais em Montese. Zocca fica a mais de 20 km de distância de Montese. (ANDRADE, 1950, p.213).

No ano seguinte, outra publicação tocaria no assunto novamente, desta vez com o já citado Palhares (1951). No livro que escreveu, ele deu uma versão muito próxima de Prestes (1945), mas, acrescentou uma hipótese a mais: uma batalha mortal e suicida dos três soldados até a última munição, em que foram vencidos e homenageados pelos inimigos. Daí os alemães terem enterrado os corpos, devido à bravura dos mesmos. (PALHARES, 1951, p.259-60)

Em 1969, já havia uma poesia sobre os três mortos, produzida pelo militar aposentado e líder evangélico, Mário Barreto França. A poesia costumava ser recitada em eventos dos ex-combatentes. (JORNAL DO BRASIL, 1969, p.4)

Com o advento da Internet e das redes sociais, a versão da morte heróica, lutando até a última bala foi revitalizada. No buscador Google, a postagem mais antiga sobre o fato é de 05 de novembro de 2000, quando o caso foi motivo de artigo do 1.º Ten Natan Lira, na época, responsável pelo Museu do 11º Batalhão de Infantaria de Montanha, em São João del Rei. (LIRA, 2000). O tenente não só reavivou a versão de Prestes (1945) e Palhares (1951), como acrescentou mais elementos, transformando a



história em um conflito épico e impossível de ser vencido, inclusive, com direito à um pôr do sol final.

Nos anos seguintes outras menções ao caso foram feitas, sempre reproduzindo a narrativa de Palhares (1951) e Prestes (1945). Porém, a popularização para o público geral foi quando a banda sueca Sabaton, conhecida por produzir canções de heavy metal com temas históricos, compôs e gravou “Smoking Snakes”, no álbum “Heroes”, de 2014. Foi o necessário para que uma legião de fãs se interessasse e também reproduzisse, criasse montagens e memes, além de compartilhar vídeos com o trabalho dos músicos. Antes do Sabaton, em 2011, o cineasta e produtor cultural Guto Aeraphe havia produzido uma websérie sobre o trio, em que também comungava da visão de Prestes (1945) e Palhares (1951).

No caso da banda Sabaton, os músicos vieram ao Brasil em 2015, com passagem por 10 cidades do Brasil, em Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Tocantins, Maranhão, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Paraná, onde foram, inclusive, agraciados com a Medalha Sargento Max Wolff Filho, mais alta honraria do Museu do Expedicionário de Curitiba. (RESISCOMSEX, 2020)

Além de emissoras comerciais de televisão, como a filial da Rede Globo no Paraná, a RPC, os músicos foram temas do noticiário de jornais de rádio, Internet, impressos e da assessoria de imprensa do próprio Exército Brasileiro, que após a música ser lançada, a incorporou em alguns repertórios de suas bandas militares².

3. Incongruências racionais

O primeiro ponto conflitante entre as narrativas é o local de morte dos soldados. Conforme as narrativas da DPHCEX (2020), Barros (1957) e Vaz (1973), Geraldo Rodrigues de Souza morreu em Natalina, localidade próximo a Montese, que conforme Bellisi (2020), Sulla (2020) e Bernardi (2020), corresponderiam à Casa Natalino, nas proximidades do observatório brasileiro de Sassomolare.

Bellisi (2020) foi até o local em que teria morrido Geraldo Rodrigues de Souza e lá conversou com a dona da casa, de nome Anna Pasquina Sanuti, de 93 anos, que lhe confirmou que mesmo não morando no local em 1945, pois, mudou-se assim que a guerra acabou, “até poucos anos atrás, todo ano, do Brasil, um homem vinha trazer uma

² Há dezenas de versões com bandas militares no site Youtube. Um dos exemplos é da banda do 63º Batalhão de Infantaria, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=RscyAoNYx2c>.



flor ou rezar no local onde estava enterrado o soldado, que ele dizia ser seu amigo” (BELLISI, 2020).

Já nas versões de Palhares (1951), Andrade (1950) e mesmo Lira (2000), as mortes Arlindo Lúcio e dos dois Geraldos teriam se dado em Montese, sem especificar o local exato.

Quanto às circunstâncias, AHEx (2020), Barros (1957), Vasconcellos (2020), Almeida (2020a e 2020b) e Monteiro (2020) concordam que teriam se dado em contextos diferentes, sem ligação direta alguma: Arlindo Lúcio e Geraldo Baêta em Montese e Geraldo Rodrigues em Natalina (Casa Natalino). Sendo Arlindo vítima de um atirador inimigo, Geraldo Baêta atingido por uma bomba alemã (Almeida, 1985, p.146) e Geraldo Rodrigues atingido por um estilhaço em um abrigo.

Por outro lado, Palhares (1951), Lira (2000) e França (S/D) defenderam que os três soldados mineiros morreram lutando até ficarem sem munição, quando teriam sido baleados pelos inimigos. Conforme as descrições dos autores, mesmo Geraldo Baêta, que por ser padoleiro não podia, por regulamento, portar armas, teria participado do tiroteio e matado alemães.

Sobre os informes das mortes e procedimentos burocráticos, também há diferenças quanto às suas comunicações. Vasconcellos (2020) fez os apontamentos dele para Arlindo Lúcio e Geraldo Baêta, pelos documentos número 333 de 28/04/1945 e 344 de 29/04/1945. Já Monteiro (1945), fez a comunicação dele sobre Geraldo Rodrigues por meio do procedimento número 357 de 30/04/1945. Os documentos de Arlindo e Geraldo Rodrigues foram datilografados em 25 de abril de 1945 e o de Geraldo Rodrigues, escrito a lápis, em 11 de maio de 1945. Os três foram passados a limpo sem alterações, em 1973.

Houve ainda uma diferenciação nas medalhas concedidas pós-morte (1ª Classe para Arlindo e 2ª Classe para os outros dois). Nos documentos oficiais escritos durante o combate, Almeida (1945) transcreveu que Arlindo Lúcio e Geraldo Baêta estavam desaparecidos em 16 de abril de 1945 e que talvez, Geraldo Rodrigues também pudesse estar, sendo que depois, em 1950, quando datilografou o que escrevera à mão cinco anos antes, confirmou a versão inicial apontada pelo Pelotão de Sepultamento, da morte em Natalina (Casa Natalino).



As direções que foram tomadas pelos batalhões dos soldados no ataque à Montese, também divergem. Enquanto o I Batalhão, do qual faziam parte Arlindo e Geraldo Baêta foram para a esquerda da cidade, o III Batalhão, de Geraldo Rodrigues, foi para o centro e depois direita do dispositivo.

Se levada em consideração a informação de Almeida (1985, p.146) sobre a morte de Baêta, como sendo no caminho de socorro a Ary Rauen, então ele teria morrido nas faldas de Montaurígola/Montese, enquanto Arlindo teria morrido dentro de Montese (Barros, 1957, p. 89) e Geraldo Rodrigues no ponto oposto, perto da base de partida do ataque, na já citada Casa Natalino. A versão de Andrade (1950, p.213), dos corpos terem sido encontrados em Zocca, nem se quer pode ser levada em conta, pois, Zocca fica a 20 km de Montese.

Sobre os alemães terem enterrado suas vítimas, concordam Prestes (1945), Andrade (1950), Palhares (1951), Lira (2000) e França (S/D). Porém, como apontado, as incongruências dos documentos oficiais derrubam tal percepção e tal versão.

No entanto, para que qualquer dúvida pudesse ser dissipada, a Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército - DEPHCEX foi consultada para que com base em pesquisas internas da instituição, pudessem apontar uma versão oficial. E conforme comunicação via e-mail e posteriormente via Lei de Acesso à Informação, imediatamente foram descartadas as versões de Prestes (1945), Andrade (1950), Palhares (1951), Lira (2000) e França (S/D).

1. Em atendimento ao seu e-mail, a Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército, por meio do Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército (CEPHiMEx), confirma somente as mortes ocorridas nas seguintes condições:

- o padioleiro do Destacamento de Saúde do 11º RI, Geraldo Baêta da Cruz, morreu na explosão de uma granada, quando se dirigia em auxílio ao pelotão do Tenente Ary Rauen, entre Motaurígula e as Faldas de Montese (Adhemar, livro Montese, 1985, pag. 146);
- Geraldo Rodrigues de Souza, da Companhia de Obuses (canhões), do 3º Batalhão do 11º RI morreu na localidade de Natalina e não em Montese; posteriormente foi enterrado no Cemitério Militar Brasileiro de Pistoia, na quadra B, fileira 9, sepultura nº 98;
- Arlindo Lúcio da Silva, atirador de Fuzil Automático (FA) da 2ª Companhia do 1º Batalhão do 11º RI morreu em Montese, por um franco-atirador inimigo, consequência do seu ato de bravura ao investir sobre uma posição inimiga, descarregando seu FA (Decreto de concessão de medalha).



2. Além disso, esta Diretoria não encontrou evidências históricas do enterro desses militares por parte dos alemães. (CCOMSEX, 2020 e DECEX, 2020)

Pelo entendimento do órgão oficial, não existe a possibilidade de troca de tiros e nem enterro por parte dos alemães. Há, no entanto, a confirmação dos relatórios do Pelotão de Sepultamento [Monteiro (2020) e Vasconcellos (2020)] e das versões de Almeida (2020a; 2020b e 1985), Barros (1957) e Vaz (1973), quanto aos locais de morte.

4. Um caso confirmado

Se com os três soldados de Montese a história apresentou pontos conflitantes que mais tarde foram desfeitos por meio de nota oficial, com três soldados diferentes, quase quatro meses antes, os alemães de fato enterram homens da 5ª Cia do 1º Regimento de Infantaria. Eles haviam sido mortos poucas centenas de metro de Precaria, localidade a alguns quilômetros de Castelnuovo di Vergato, em 24 de janeiro de 1945.

Amiden (1960, p.89-91), sustenta que Aristides José da Silva (Leopoldina/MG), José Graciliano Carneiro da Silva (Recife/PE) e Clóvis da Cunha Paes de Castro (Açaré/CE), foram enviados junto com uma patrulha reforçada, comanda pelo sargento Virgolino Loyola (Ignácio Loyola de Freitas Virgolino). Os alemães prepararam uma emboscada para a patrulha e quando os brasileiros se aproximaram de suas posições, abriram fogo.

Aristides foi o primeiro a morrer. Já Graciliano tentou penetrar na casa de onde estavam saindo os tiros dos agressores, que lançaram uma granada que o atingiu. O grupo brasileiro reagiu com uma saraivada de tiros que permitiu recuperar o corpo de Graciliano. Já Clóvis, pedia socorro mais afastado do grupo, pois, era esclarecedor, função que ia à frente do grosso da tropa. Loyola foi em seu socorro e percebeu que estava ferido. Mesmo assim, foi até o ponto, mas, Clóvis estava morto. Ele voltou com o corpo, juntou ao dos outros dois e deu ordem para os demais soldados que estavam vivos, para que recuassem e o deixassem ali com os dois. (AMIDEN, 1960, p.89-91)

A ordem foi atendida e mais tarde, quando cessou o fogo alemão, os inimigos se aproximaram para averiguar o resultado da ação deles. Foi aí que perceberam Loyola



vivo e o levaram prisioneiro, só o devolvendo em 30 de abril, quando as tropas se entregaram à FEB em Forno di Taro. (AMIDEN, 1960, p.89-91)

Quanto aos três mortos, tiraram os pertences que lhes interessavam, entre eles as botas e documentos pessoais, protegeram os rostos com as capas de neve que estavam usando quando morreram e os enterraram em uma vala comum, colocando uma cruz tosca em que escreveram: 3 tapfere Brasil (três bravos Brasil). A data, 24/01/1945 também foi registrada. (AMIDEN, 1960, p.89-91)

Esses corpos foram encontrados e sua exumação registrada em fotografia, por Horácio Gusmão Coelho, o fotógrafo oficial da FEB, em março de 1945, após os brasileiros terem tomado Castelnuovo di Vergato. Os cadáveres estavam praticamente intactos, pois, haviam sido preservados pela neve e o chão congelado. Por isso, a identificação foi facilitada, ainda que os alemães tenham usado os dados de Aristides para produzir material de contra-propaganda desmoralizante contra o Brasil, em que diziam que o destino dos demais combatentes seria o mesmo do falecido soldado.

Por conta da história de Precaria, seja por confusão ou intencionalmente, os três de Montese receberam a mesma versão que os colegas do 1º Regimento de Infantaria. Souza (1968) questionou publicamente a versão de Palhares (1951), sobre as mortes de Arlindo e dos dois Geraldos. Os questionamentos diziam exatamente que Palhares (1951) estava confundindo as histórias. “A informação que deram a Gentil Palhares foi completamente errônea: trocados os nomes das vítimas, da Unidade (Regimento Sampaio e não Tiradentes), da região, da data do sepultamento e até dos dizeres da tabuleta”.

Palhares (1951) não se deu por vencido e respondeu reforçando que os soldados tinham sido enterrados pelos alemães, porém, não voltou a dizer que haviam perecido em uma troca de tiros até a última munição, dando a entender ainda, que o opositor seria um contador de histórias falsas. (PALHARES, 1968)

Na Itália, próximo de onde morreram Aristides, Graciliano e Clóvis, em 2012 foi erigido um pequeno monumento para lembrar os três, sob os cuidados da Embaixada brasileira e da comunidade local. Em compensação, nunca houve qualquer monumento para os três de Montese, exatamente por falta de provas quanto ao acontecido. No entanto, ao lado do pátio de formaturas do 11º Batalhão de Infantaria de Montanha, que



herdou o espaço do antigo 11º Regimento de Infantaria, há uma homenagem à Arlindo e aos dois Geraldos, construída na década de 80.

Conclusão

Com base na análise dos documentos oficiais, nos protocolos do Pelotão de Sepultamento da FEB, na análise bibliográfica comparativa entre as fontes mencionadas e nas comunicações feitas via e-mail e Lei de Acesso à Informação, com fontes italianas e com ajuda da DPHCEX, é possível dizer que a história dos três soldados mortos em Montese não aconteceu da forma como foi consagrada pela tradição popular. Destaque-se que os três realmente morreram em combate e que deram a vida em desprendimento à pátria naquele conflito, porém, que suas histórias foram totalmente modificadas, primeiro por um erro jornalístico em 1945 (Prestes, 1945) e em seguida, com os trabalhos de Andrade (1950) e Palhares (1951).

O caso da narrativa errada, que já vinha sendo praticada desde 1945, pode ter induzido as obras posteriores, uma vez que seu autor, como destacou no próprio texto, dizia ser parente do comandante do Pelotão de Sepultamento da FEB, Lafaiete Vargas Brasileiro, o que em tese afastava qualquer hipótese de erro e lhe concedia autoridade legitimadora.

No entanto, não dá para saber se realmente o Prestes (1945) entrevistou o suposto parente ou se apenas trocaram palavras informalmente. Por outro lado, como as informações a respeito dos soldados Arlindo Lúcio, Geraldo Baêta e Geraldo Rodrigues são tanto quanto detalhadas, ainda que não tenha sido o próprio Brasileiro quem tenha passado as informações, alguém que detinha tais informações foi a fonte do jornalista.

Já as fotos, provavelmente foram distribuídas pela agência nacional, sobre os cuidados do Departamento de Imprensa e Propaganda, órgão em que Horácio Gusmão Coelho trabalhava e para onde vinham sendo enviadas desde o começo da campanha na Itália, a as fotos dele, que não teve culpa alguma, pois, não era ele quem arquivava e distribuía as imagens aos jornais. A função de escolher qual foto usar no jornal cabia ao editor do mesmo. Essa soma de fatores pode ter colaborado para que o erro fosse legitimado.

De toda forma, é de se estranhar que em 75 anos, nenhum pesquisador tenha conferido as informações junto a documentação disponível na DPHCEX e nem sequer consultado o órgão de forma oficial. Causa estranheza ainda, o fato de que nem mesmo



a própria Diretoria teve o cuidado de desmentir o acontecido. Nem o próprio Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército checkou a versão, mesmo havendo indícios de que havia algo desencaixado na narrativa. Tais pesquisas poderiam ter evitado a popularização da versão falseada, que elevou os três de Montese ao nível de heróis internacionais, quando foram imortalizadas na canção do Sabaton, por exemplo.

O caso em questão serve como um alerta aos pesquisadores de todas as áreas, para que estejam sempre atentos em seu fazer científico, questionando e se colocando atentos quanto às versões romantizadas de histórias que fazem parte do imaginário popular e que ganham corpo por meio das mídias e redes sociais e de contato.

A versão dos “três de Montese” também mostra a força da “pós-verdade”, um inimigo do saber acadêmico, que tende tentar legitimar visões fictícias com a soma de muitas opiniões falsas, suprimindo fatos históricos com fundamentação teórica e base científica e/ou acadêmica. Não que a versão oficial do Exército seja inquestionável, pois, não é. Mas, neste momento, a versão da Instituição, do Estado, vem somar com as bibliografias e documentação disponíveis, derrubando, pelo menos neste momento cronológico, a lenda que foi criada em torno da morte dos três jovens mineiros que deram o que possuíam de mais precioso em solo estrangeiro: a própria vida.

Eles continuam sendo heróis, tendo tombado em combate junto de outros 31 companheiros naquela batalha por Montese e pela expulsão dos alemães. A história dos indivíduos é inspiradora por si só e não precisava ser fantasiada e muito menos aumentada.

Pese-se que vários agentes neste processo ganharam dinheiro em cima da história fictícia, seja com a venda de produtos relacionados ao tema, seja com venda de conteúdo nas mídias ou mesmo com monetização de cliques e acessos em páginas da Internet. A memória dos soldados foi usada como forma de promoção pessoal e de marcas e artigos de consumo, tanto físicos quanto simbólicos.

O próprio Estado investiu dinheiro em monumentos e homenagens a pessoas e a instituições, baseado em uma ideia errada que vinha sendo repetida desde 1945, o que mostra, mais uma vez, que o saber histórico precisa sempre estar à serviço da sociedade, para evitar que suas instituições representativas sejam exploradas e para alertá-la contra quem busca lucrar em cima dela com práticas comerciais duvidosas, atentando contra a memória coletiva.



Bibliografia

AHEX. **Dúvida para reportagem da FEB.** Mensagem recebida por helton.costa@unisecal.edu.br em 16 de setembro de 2020. Disponível em: <<https://mail.google.com/mail/u/0/h/1i32r0pgaiwff/?&th=17498469e71d0d07&q=Sr+Arindo&v=c&s=q>>. Acesso em: 25/11/2020.

ALMEIDA, Ademar Rivermar de, em CAMPIANI, César. **Livro Histórico do 11º RI.** Mensagem recebida por Facebook Messenger em 22 de setembro de 2020a. Acesso em: 25/11/2020.

ALMEIDA, Ademar Rivermar de, em CAMPIANI, César. **Onze parte I, II, III e IV.** Mensagem recebida por helton.costa@unisecal.edu.br em 22 de setembro de 2020b. Disponível em

<<https://mail.google.com/mail/u/0/h/653m4v6y2m8d/?&th=174b20f410f0453c&q=cesar&v=c&s=q>>. Acesso em: 25/11/2020.

ALMEIDA, Ademar Rivermar de. **Montese: marco glorioso de uma trajetória.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1985.

AMIDEN, Jamil. **Eles não voltaram.** Rio de Janeiro: Gráfica Riachuelo Ed., 1960.

ANDRADE, Delmiro Pereira. **O 11º R.I. na 2ª Guerra Mundial.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1950.

BARROS, Aluizio de. **Expedicionários Sacrificados na Campanha da Itália.** Rio de Janeiro: Bruno Buccini, 1957.

BELLISI, Walter e CIONI, Marília. **Battaglie sul Crinale.** 2. ed. rev. e aum. Montese: Grupo Culturale Il Trebbo, 2012.

BELLISI, Walter. **Domande su Casa Natalino.** Mensagem recebida por Facebook Messenger em 25 de setembro de 2020. Disponível em <<https://www.facebook.com/messages/t/wbellisi>>. Acesso em: 25/11/2020.

BERNARDI, Daniele. **Domande su Casa Natalino.** Mensagem recebida por Facebook Messenger em 23 de setembro de 2020. Disponível em <<https://www.facebook.com/messages/t/daniele.bernardi.9>>. Acesso em: 25/11/2020

BONALUME NETO, Ricardo. **A Nossa Segunda Guerra: os brasileiros em combate, 1942-1945.** Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995.

CCOMSEx. **Dúvida para reportagem da FEB.** Mensagem recebia pelo e-mail helton.costa@unisecal.edu.br em 06 de outubro de 2020. Disponível em <<https://mail.google.com/mail/u/0/h/1cq8qbmz43o2l/?&th=174ff99567779104&q=arindo&v=c&s=q>>. Acesso em: 25/11/2020.

DECEEx. **Conteúdo jornalístico.** Mensagem recebida pela Plataforma Integrada de Ouvidoria e Acesso à Informação – Fala BR em 26 de setembro de 2020. Disponível em <<https://falabr.cgu.gov.br/publico/Manifestacao/DetalheManifestacao.aspx?id=G%2fm5rMN5pm4%3d&tipoConsultaDeOrigem=ZfHsAWpS6nb6InaSVkQgym2R86FL1D%2ffyGIto581B0UKG4SNLcAuKIXwuRkjyjmKjFbsYvm0Nj0%3d>>. Acesso em: 25/11/2020

DPHCEX. **Dúvida para reportagem da FEB.** Mensagem recebida por helton.costa@unisecal.edu.br em 06 de outubro de 2020. <<https://mail.google.com/mail/u/0/h/1m71rn2w487pk/?&th=174ff99567779104&q=dphcex&v=c&s=q>>. Acesso em 25 de novembro.



FRANÇA, Mário Barreto. **Presidente inaugura monumento.** Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 18 de maio de 1969, 1º Caderno, p.4.

FRANÇA, Mário Barreto. **Três heróis brasileiros.** (S/D). Disponível em <<http://marocidental.blogspot.com/2012/08/o-brasil-na-segunda-guerra-mundial-3.html>>. Acesso em: 25/11/2020.

LIRA, Natan. **Três heróis da FEB.** Disponível em <<http://www.legiaodainfancia.eb.mil.br/htm/feb-3heroisbrasileiros.php>>. Acesso em: 25/11/2020.

MASCARENHAS DE MORAES, João Batista. **A FEB pelo seu comandante.** 1. ed. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1947.

MAXIMIANO, Cesar Campiani. **Barbudos, sujos e fatigados:** soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Grua, 2010.

MONTEIRO, Ivollim Alves, em PIOVEZAN, Adriane. **Relatórios do Pelotão de Sepultamento, de Geraldo Rodrigues de Souza, Arlindo Lúcio da Silva e Geraldo Baêta da Cruz.** Disponível em:

<<https://www.facebook.com/messages/t/adriane.piovezan>>. Acesso em: 25/11/2020

PALHARES, Gentil. **De São João del Rei ao Vale do Pó.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1951.

PRESTES, Valter. **Pistóia, morada de heróis.** Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 05 de agosto de 1945, p.1 e 3.

RESISCOMSEX. **5ª Região Militar – “Smoking Snakes” no Museu do Expedicionário.** Disponível em <https://resiscomsex.eb.mil.br/web/resiscomsex/eb-em-revista/-/asset_publisher/9766RQsIbBIC/content/5-regiao-militar-smoking-snakes-no-museu-do-expedicionario>. Acesso em: 25/11/2020.

RICCI, Giovanni. **Montese:** cenni storici, parrocchie e archivi. Formigini: Grupo Culturale Il Trebbio, 1988.

RODRIGUES, Agostinho José. **O Paraná na FEB. Documentário.** 2ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1954.

RIGONI, Carmen Lúcia. **1944-1945 - A Saga dos brasileiros na Segunda Guerra Mundial:** caminhos de uma trajetória no front italiano. 1. ed. Curitiba: Multimedia, 2016.

SOUZA, Lincoln. **Notas históricas sobre Lincoln de Souza.** São João del Rei, 1968. Disponível em <<http://bragamusician.blogspot.com/2014/04/notas-historicas-por-lincoln-de-souza.html>>. Acesso em: 25/11/2020.

SULLA, Giovanni. **Domande su Casa Natalino.** Mensagem recebida por Facebook Messenger em 23 de setembro de 2020. Disponível em <<https://www.facebook.com/messages/t/sulla.giovanni>>. Acesso em: 25/11/2020.

SULLA, Giovanni; TROTA, Ezio. **Heróis do Brasil:** história fotográfica da Força Expedicionária Brasileira na Itália (1944-1945). 1. ed. Modena: Il Fiorino, 2013

VASCONCELLOS, José Alves em PIOVEZAN, Adriane. **Relatórios do Pelotão de Sepultamento, de Geraldo Rodrigues de Souza, Arlindo Lúcio da Silva e Geraldo Baêta da Cruz.** Disponível em:

<<https://www.facebook.com/messages/t/adriane.piovezan>>. Acesso em: 25/11/2020

VAZ, João dos Santos. **Uma saudade.** Rio de Janeiro, Edição do autor, 1973.